



## DESENHOS E BRINCADEIRAS de crianças indígenas

**Sonia Grubits<sup>1</sup>**

Fui criado no mato e aprendi a gostar das  
coisinhas do chão –  
Antes que das coisas celestiais.

(Manuel de Barros)

### **I - Introdução**

Trabalhamos com crianças indígenas Guarani/Kaiowá, Kadiwéu e Terena de Mato Grosso do Sul, analisando e observando suas brincadeiras, desenhos, modelagens, bricolagens e colagens. As crianças se movimentavam, reagem viviam os trabalhos como atividades lúdicas e espontâneas. Assim pudemos analisar a construção da identidade infantil, as referidas culturas e especificidades na organização social. Além disso, acompanhávamos o grupo no recreio e intervalos, na escola ou mesmo nas visitas às famílias. Observamos o seu brincar em várias situações de vida. Experiências sobre tais situações e informações de outros pesquisadores nos conduziram a algumas reflexões importantes.

Para Winnicott (1982) as crianças brincam porque gostam, têm prazer em todas as brincadeiras que envolvem aspetos físicos e emocionais. O desenvolvimento de suas experiências, com o fornecimento de materiais e idéias se dá de forma mais progressiva e competente. Ainda segundo o autor, quanto a sentimentos como agressividade, as brincadeiras favorecem sua expressão em situações que não envolvem efetivamente os momentos de raiva, o mesmo acontecendo com outras emoções e sentimentos.

---

<sup>1</sup> Sonia Grubits é professora e coordenadora do Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

A brincadeira é, portanto, uma parcela importante na vida, por meio dela e da fantasia, as experiências internas e externas são férteis para a criança e comprovam que a capacidade criadora permite o desenvolvimento de vivências importantes. No desenvolvimento infantil, a brincadeira, que no início é solitária ou com a mãe e mais tarde com companheiros, promove uma organização para relações emocionais e contatos sociais.

Ainda segundo Winnicott (1982, p. 163), "a brincadeira, o uso de formas e artes e a prática religiosa tendem, por diversos mas aliados métodos, para uma unificação da personalidade". O brincar tem um lugar e um tempo, brincar é fazer, a brincadeira é universal, é a própria saúde, facilitando a crescimento. Ele ressalta que a brincadeira se expande no viver criativo e em toda vida cultural do homem.

Brougère (1997, p. 40) afirma que:

Toda socialização pressupõe apropriação da cultura, de uma cultura compartilhada por toda a sociedade ou por parte dela. A impregnação cultural, ou seja, o mecanismo pelo qual a criança dispõe de elementos dessa cultura passa, entre outras coisas, pela confrontação com imagens, com representações com formas diversas e variadas. Essas imagens traduzem a realidade que a cerca ou propõe universos imaginários. Cada cultura dispõe de um 'banco de imagens', consideradas como expressivas dentro de um espaço cultural. É com essas imagens que a criança poderá se expressar, e com referência a elas que a criança poderá captar novas produções.

170

O brinquedo, por ser construído de acordo com imagens introduzidas pela cultura, possui diferentes atributos, assim como as diferentes sociedades possuem diferentes maneiras de ver, tratar e educar suas crianças. Nesse sentido, o brinquedo representa imagens dotadas de significados que expressam os traços e valores culturais passados de uma geração para outra (BROUGÈRE, 1997).

## **II – BRINCADEIRA Indígena**

De acordo com Kishimoto (1993), Velasco (1996), autores que estudaram a brincadeira indígena, a criança indígena não brinca, mas sim aprende com os pais os afazeres domésticos específicos de cada gênero. A menina acompanha a mãe e aprende, entre outras coisas, como cuidar das crianças e preparar as refeições, os meninos acompanham o cultivo e a caça dos alimentos. Tais fatos envolvem situações tradicionais nas aldeias, pois atualmente já identificamos mudanças

relacionada com os contatos com populações rurais não índias ou das cidades próximas.

Ainda sobre situações domésticas e tradicionais, Silva et al. (2002, p. 73-74) relatam que:

Para as crianças, o dia-a-dia na aldeia vai-se alternando entre algumas tarefas domésticas que observam, fazem sozinhas ou nas quais ajudam: lavar roupas e louças, tomar conta dos irmãos e irmãs menores, dar-lhes banho, [...]. Essas tarefas domésticas e outras atividades produtivas de que as crianças fazem parte são de verdade [...]. No entanto, o fato de ser tudo de verdade não impede a presença do componente lúdico, ainda que por vezes dissimulada pela responsabilidade que também é preciso assumir.

Velasco (1996) refere-se ao brincar da criança indígena como uma atividade diferenciada da atividade lúdica. A brincadeira seria um exercício de preparação para a vida adulta, já que aprendem as atividades de seu cotidiano. Kishimoto (1993, p. 72) apresenta uma concepção diferenciada sobre o brincar da criança indígena:

Atirar com arco e flecha não é uma brincadeira, é um treino para caça. Imitar animais são comportamentos místicos tanto de adultos como de crianças, reflexos de símbolos totêmicos antigos. Misturados com os adultos, participando de tudo na tribo, pequenos curumins não se distinguem por comportamentos particulares como o brincar. [...] As brincadeiras não pertencem ao reduto infantil. Os adultos também brincam de peteca, de jogo de fio e imitam animais. Não se pode falar em jogos típicos de crianças indígenas. Existem jogos indígenas e o significado de jogo é distinto de outras culturas nas quais a criança destaca-se do mundo adulto.

A grande maioria dos autores concorda que a criança indígena apresenta o comportamento lúdico em suas atividades. Para Meliá (1979) o Guarani aprende brincando e a originalidade é que o índio, já desde a infância, brinca de trabalhar, seu brinquedo é conforme o sexo e o instrumento de trabalho do pai ou da mãe.

E, ainda assim, são encontrados diferentes brinquedos nas mais diferentes aldeias indígenas do país. De modo geral, os brinquedos das crianças indígenas no Brasil variam de acordo com as matérias-primas encontradas no meio ambiente, sendo mais comuns os brinquedos feitos de palha, porongos, cabaças, sementes, madeira ou barro.

Ocorre atualmente que a criança indígena se interesse por bonecas, carrinhos, bolas de plástico, entre outros, porém seus brinquedos geralmente são miniaturas de objetos do uso cotidiano de cada sociedade e têm como objetivo

divertir e educar para o desempenho das tarefas que essas crianças farão quando adultas.

Em relação a essa maneira de brincar, muito frequente no ambiente de crianças indígenas, Costa (2002, p. 113) considera que, a cada situação de jogo tradicional, podem ser associados ritos, cerimônias e costumes, criando um patrimônio simbólico cultural, que mesmo impregnado de normas e características atuais, “enraíza-se nas profundezas do imaginário [...]” e torna-se um “[...] arcabouço estruturante da cultura de uma sociedade, reservatório arquetipo de outros momentos da cultura que interagem com as intimações objetivas da época em que vivem”.

O brinquedo, por ser construído de acordo com imagens introduzidas pela cultura, possui diferentes atributos, assim como as diferentes sociedades possuem diferentes maneiras de ver, tratar e educar suas crianças. O brinquedo, portanto representa imagens dotadas de significados que expressam os traços e valores culturais passados de uma geração para outra.

Assim, na tentativa de se compreender melhor as brincadeiras e a recuperação do sentido lúdico de cada povo, tem de se entender, primeiramente, o modo de vida de tal agrupamento humano, em seu tempo e espaço. Surge daí a imagem que se faz da criança, de seus valores, seus costumes e suas brincadeiras, pois com a cultura é que se constroem analogias que delimitam para cada povo o que é possível designar como jogo (KISHIMOTO, 1993).

Guedes (2002) relaciona capital cultural de cada grupo étnico com o seu patrimônio lúdico, que se vai desenvolvendo de geração a geração. Histórias, jogos, danças, músicas infantis constituem uma cultura oral, na medida em que se adaptam ao ambiente e região geográfica, a crenças e rituais religiosos, comportamentos, reações e atitudes dos seus praticantes.

Da mesma forma, Papalia e Olds, (2000, p. 221) ressaltam que "Os modos específicos de brincar diferem de cultura para cultura que pode ser influenciada pelos ambientes que os adultos proporcionam para as crianças, os quais tendem a refletir valores culturais". O modo de brincar reproduz formas de socialização, preconceitos e convenções sociais, preparando a criança para ocupar um lugar na sociedade.

Com todas estas reflexões, podemos ver que a cultura está muito presente no modo de brincar e na própria ludicidade de um povo. Mas, de uma forma geral,

pensamos que a criança índia brinca enquanto aprende, e isso não exclui o sentido de lazer da criança, já que é parte de sua cultura e natural e não imposto por mais velhos como o próprio ato de brincar.

Outro aspecto que se torna relevante é o fato de as crianças possuírem brinquedos, devido a um processo de intercâmbio cultural que o índio vem sofrendo há tempos e que acaba por introduzir materiais e comportamentos antes não observados. Mas, quando se diz comportamentos antes não observados, não se refere ao brincar propriamente dito, mas ao comportamento de brincar com objetos prontos e que não faziam parte de seu cotidiano.

Segundo estudos e observações de Schaden (1974), a criança Guarani é notavelmente independente. O Guarani não acredita na conveniência e eficácia de métodos educativos, a não ser a título excepcional ou por via mágica. As crianças Guarani são tratadas como adultos e são mais francas e menos retraídas do que eles, quando em contato com estranhos e por isso são poucos os brinquedos que se reduzem à imitação de atividades dos adultos.

Em relação aos brinquedos infantis Schaden (1974) alerta, porém para o fato de que a aculturação se faz sentir: a criança – talvez atraída pelo ideal que a civilização ocidental representa, parte consciente, parte inconscientemente, para o Guarani - começa a interessar-se pelos brinquedos que simbolizam o progresso técnico e o movimento, tal qual a nossa criança da cidade.

Segundo o autor, criança Guarani já coloca o seu próprio espírito inventivo a serviço da satisfação de atividades lúdicas outrora inexistentes na cultura da tribo, atividades que constituem inovação no sentido de representarem não só o simples reflexo do mundo dos adultos, mas elementos da civilização.

Para os Guarani, a alma já nasce com um potencial e qualidades e eles não se preocupam, por essa razão, com o desenvolvimento da natureza psíquica. Schaden (1974) relata que os Nandéva<sup>4</sup>, “não ensinam as rezas às crianças, porque, sendo individuais, são mandadas diretamente pelas divindades. Desde a mais tenra infância, cada Nandéva participa das cerimônias da família e de toda a comunidade, aprendendo, assim, sem esforço, tudo o que faz parte do patrimônio

---

4 Nandeva / Mbüa / Kaiowá, citados por Schaden (1974), assim como Araweté dos trabalhos de Viveiros de Castro (1992), pertencem a grande nação guarani.

grupal; ao mesmo tempo, fica aguardando que lhe seja enviada a sua própria reza, que receberá em sonho. O mesmo se dá entre os Mbüa, onde cada qual conhece, à força de ouvi-las sempre, as rezas de todos os companheiros”.

A base da organização social dos Guarani é a família-grande, a criança que cresce nessa família e não aprende a fixar ou focalizar suas emoções ou expectativas de recompensa e punição em poucas ou determinadas pessoas, pois muitos adultos as punem ou recompensam. Schaden (1974) atribui, a essas vivências infantis, a tendência à instabilidade nas relações amorosas e conjugais dos guaranis. “Ele não conhece o amor romântico, borboleta nas relações amorosas e facilmente desmancha o casamento, deixando o filho com a mulher, para unir-se a outra, fatos que, aliás, se agravam com a desorganização social”.

Grubits, S. e Darraut-Harris, I (2009) informam que em visitas a reserva de Caarapó e Dourados notaram que os meninos têm muito interesse no futebol, as crianças geralmente acompanham os adultos nas diferentes atividades, mas não observaram brinquedos semelhantes aos da cidade. As crianças correm e andam pela reserva, tomam banhos na represa, sendo que não existe uma clara separação entre atividades de rotina, muitas vezes auxiliando os pais no trabalho e brincadeiras propriamente ditas.

As atividades artísticas permitiram observar seus modelos, representações e capacidade criativa. Conforme foi relatado nas conclusões da pesquisa sobre a construção da identidade infantil Guarani/Kaiowá, constataram ora um movimento para identidade Guarani/Kaiowá, ora identidade de indivíduo da cidade. Mesmo no último caso, não identificaram rotinas e elementos relevantes da sociedade nacional (GRUBITS, S. E DARRAUT-HARRIS, I, 2009). Cabe ressaltar que o espaço na reserva, o contato com a natureza, favorecem atividades, brincadeiras ao ar livre, como ocorre nas comunidades rurais de um modo geral. Na Figura 1 percebemos os interesses por aparelhos eletro eletrônicos, motocicleta, máquina fotográfica de um menino Guarani.

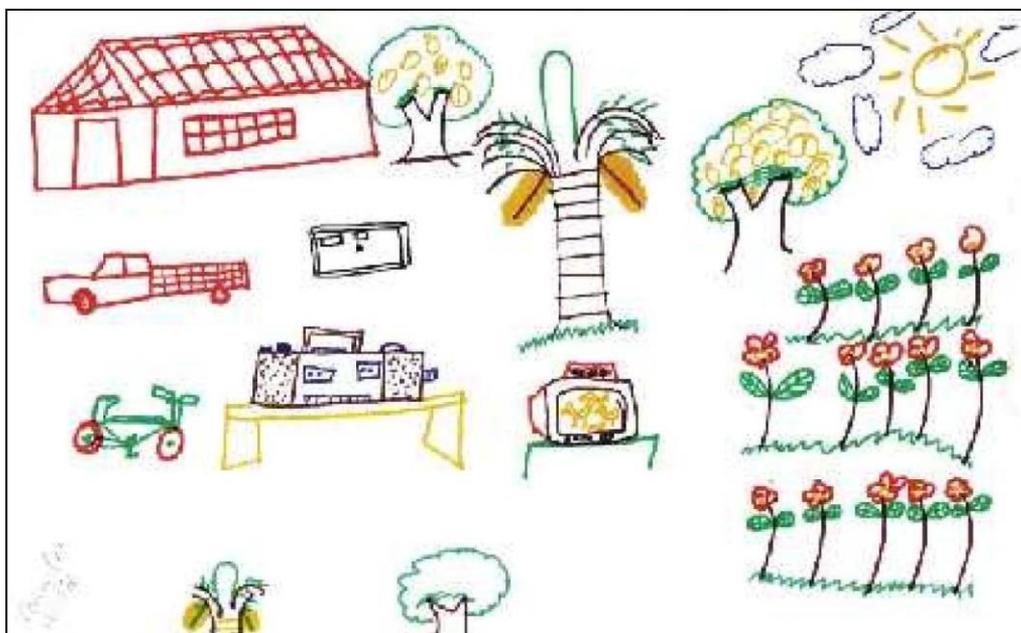


Figura 1 – Desenhos de um menino Guarani

Silva et al. (2002) descrevem que, para a criança Guarani-Kaiowá, o dia-a-dia na aldeia se alterna entre tarefas domésticas que apenas observam e outras que realizam sozinhos ou com auxílio de um adulto e que, apesar de serem realizadas de verdade, isso não impede a presença do componente lúdico, mesmo dissimulada pelas responsabilidades assumidas.

Comentando a respeito dos Guarani-Kaiowá, Lino (2006, p. 28) afirma que:

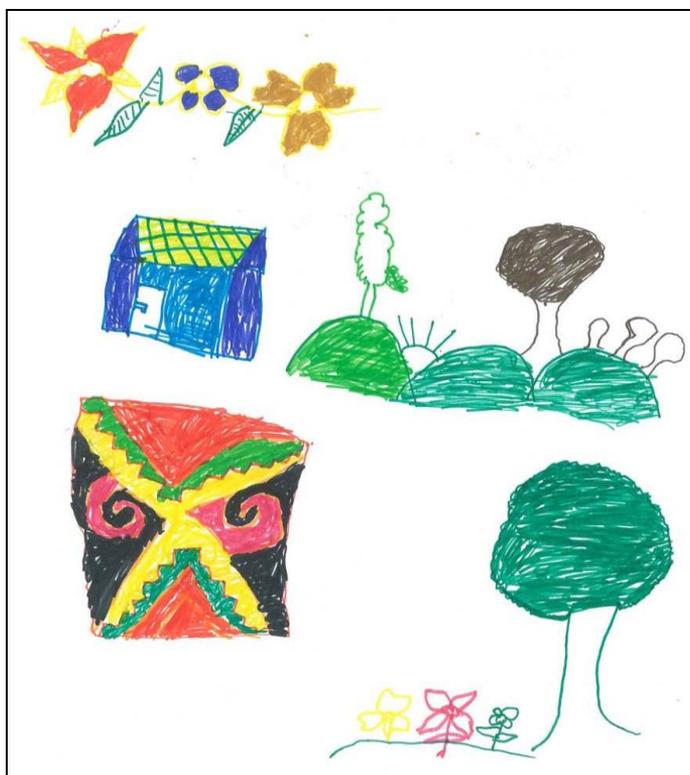
Os outros que existem na reserva fazem parte de um contexto social para a criança que desde muito cedo aprende a ser livre, a brincar sem punições por suas iniciativas de curiosidade. Dessa forma, percebe-se que desde o nascimento, a criança é bem-vinda nessa população. A gravidez de uma maneira geral é bem recebida pelas indígenas.

Lino (2006, p. 86-87) também conclui que é muito rico o relacionamento encontrado nos primeiros vínculos, e este permanece até que a criança não precise mais da mãe. Acrescenta ainda que:

A mãe, ao mesmo tempo, não cerceia seu filho dos simples conhecimentos cotidianos de que toda criança se ocupa, não restringe suas curiosidades cotidianas de exploração do ambiente [...]. Não pune, não restringe sua presença física, não castiga [...]

principal meio de educar uma criança é pelo diálogo [...]. Nota-se que a mãe índia tem papel fundamental, tanto em relação aos primeiros cuidados, quanto em relação à educação, mas por ser uma sociedade em que o homem tem voz.

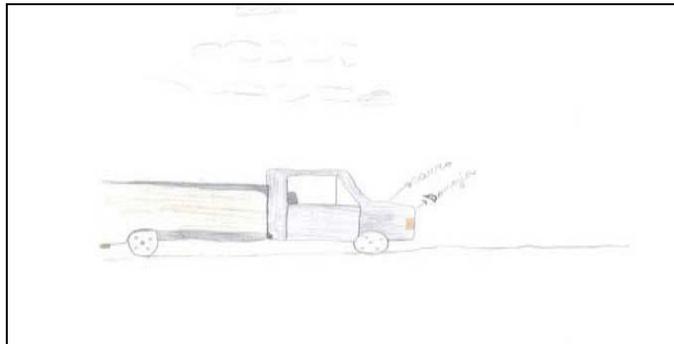
As crianças Kadiwéu, de um grupo estudado, por outro lado, representaram, em todas as suas produções, sua própria cultura, ambiente, relação com a flora, a fauna, sendo que seus signos e significados tem uma grande homogeneidade. Nas figuras 2 e 3, uma menina Kadiwéu representa os traçados da cerâmica nos seus desenhos. Desenhos de meninos indicam o interesse por caminhões e mesmo o helicóptero que chegam eventualmente à comunidade (Figuras 2 e 3) (GRUBITS, S. e DARRAUT-HARRIS, I, 2009).



Figuras 2 – Influência da cerâmica feminina nos desenhos de uma menina Kadiwéu.



Figuras 3 – Outro desenho de uma menina Kadiwéu.





Figuras 4, 5 - Desenhos de meninos indígenas indicam o interesse por caminhões e helicópteros



Figura 6 - Desenho de um campo de futebol.

Ressaltamos aqui a hipótese de que a cor, desenhos e objetos da cerâmica, trabalhos em couro e desenhos corporais, constituírem uma verdadeira marca, ou signo Kadiwéu, acompanhando a construção da identidade deste povo, presente em diferentes formas, não só nos trabalhos infantis, como na decoração da fachada da escola, camisetas dos alunos e mesmo já difundidos por todo estado de Mato Grosso do Sul, não só os desenhos e pinturas, como também os nomes Kadiwéu e Guaicuru (foto 1).



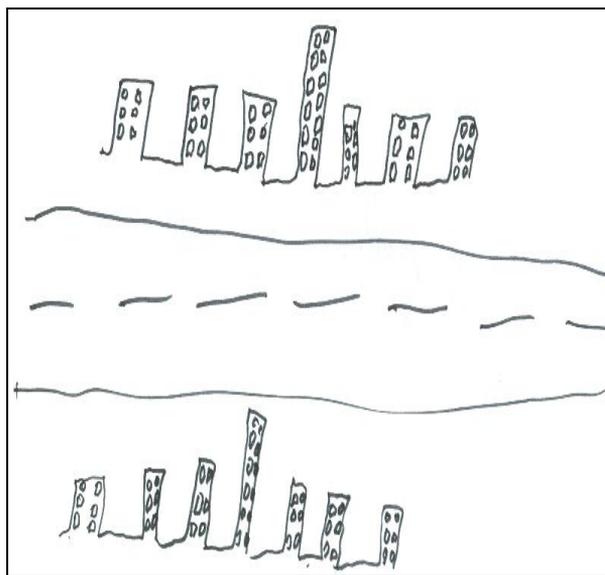
Foto 1 - Decoração da fachada da escola na comunidade Alves de Barros

As mulheres são as principais produtoras de artesanato para venda, gerando recursos razoáveis para economia familiar. Estudos de Grubits e Darrault Harris (2009) indicaram duas questões importantes para o grupo Kadiwéu: as questões de gênero, principalmente nos aspectos referentes à divisão de trabalho e, a outra, a importância da arte, em especial, os desenhos, os traçados abstratos, indicando a marca de cada grupo familiar, com a preservação das técnicas originais e naturais no preparo e elaboração das peças de cerâmica. Somente as mulheres produzem a cerâmica, enquanto os homens se ocupam do gado.

Quanto aos Terena, Cabrera (2006) informa que as brincadeiras relatadas pelas famílias selecionadas para sua pesquisa apresentaram um brincar semelhante entre a infância dos pais e a dos filhos, embora a própria família observe algumas diferenças com a troca de bonecas de pano que as mães faziam por bonecas de plástico, mas elas ainda preferem ficar correndo e subindo em árvores junto de outras crianças. Gostam de brincar no rio, alguns de carpir o quintal, com o pai ou avô.

O acesso à televisão em casa, já que no passado havia apenas uma televisão na aldeia e as pessoas se reuniam para assistir aos programas, mudou os hábitos. Cabrera (2006) comenta sobre o brincar com o que o meio oferecia, principalmente no rio, onde pescavam, nadavam, além de jogar bolita, futebol e cinco marias (turito), jogar futebol com outras meninas, brincar de boneca nos galhos das árvores, esconde-esconde, etc..

Finalmente relatou atividade como jogar videogame na própria casa ou em fliperamas em Sidrolândia, brincar de carrinho, jogar bola e subir nas árvores para apanhar manga, brincar com peões feitos de tampas de plásticos de remédios e detergentes. As crianças Terena desenham prédios e casas da cidade (Figuras 7 e 8).



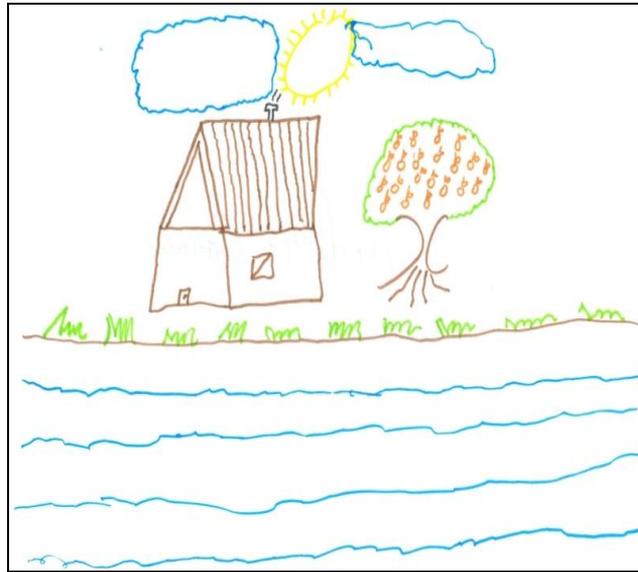


Figura 7–Desenho de prédios feitos crianças Terena Figura 8–Casa feita por criança Terena

### III – CONCLUSÕES

Em nossas visitas às diferentes comunidades, notamos que os meninos têm muito interesse pelo futebol, as crianças geralmente acompanham os adultos nas diferentes atividades, o uso de brinquedos semelhantes aos da cidade varia de acordo com a proximidade e contatos de seu grupo com os não índios.

As crianças correm e andam pela reserva, tomam banhos nos rios, nas represas, sendo que não existe uma clara separação entre atividades de rotina, muitas vezes auxiliando os pais no trabalho, outras buscando brincadeiras propriamente ditas. Cabe ressaltar que o espaço na reserva, o contato com a natureza, favorecem atividades, brincadeiras ao ar livre, como ocorre nas comunidades rurais de um modo geral.

As atividades artísticas nos permitiram analisar seus modelos, representações e capacidade criativa. Conforme foi relatado por Darrault-Harris e Grubits (2001) nas conclusões da pesquisa sobre a construção da identidade

infantil Guarani/Kaiowá, ora observavam um movimento para identidade Guarani/Kaiowá, ora identidade de indivíduo da cidade.

As meninas Kadiwéu, de outro grupo em estudo, por outro lado, revelaram forte influência das cerâmicas. Os meninos revelaram interesse pelo contato com não índios que chegam à comunidade principalmente em pequenos aviões ou helicópteros, em caminhões, sempre enfrentando as dificuldades e acesso à aldeia Alves de Barros.

Os Terena mostraram uma semelhança maior com as produções e expressões das crianças não índias, confirmando as mudanças que vem ocorrendo na cultura e confirmando a grande influência e aproximação do grupo com a sociedade nacional.

Observando as informações apresentadas sobre o brincar das gerações, podemos perceber que todas essas transformações são impulsionadas, principalmente, pelo intercâmbio cultural vivenciado por essas comunidades. Dessa forma, tem-se que a maioria dos brinquedos, antes fabricados com material disponível no meio, começam a ser trocados por aqueles de plástico e comprados nas cidades. Também o acesso facilitado à televisão e a outros eletrônicos alterou a rotina de crianças e adultos dessas populações.

Em relação ao brincar, dois aspectos ficaram mais evidentes: as diferenças e semelhanças no brincar das crianças e de seus pais, entre os três grupos estudados e o brincar como aprendizagem de tarefas dos adultos.

## **BIBLIOGRAFIA**

BARROS, M. de. [http://pensador.uol.com.br/poemas\\_de\\_manoel\\_de\\_barros/](http://pensador.uol.com.br/poemas_de_manoel_de_barros/). Acesso em 12/03/2013.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. 2. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1997.

CABRERA, Denise S. P. *O cotidiano das famílias Terena: um estudo exploratório*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2006.

COSTA, Vera L. M. O jogo e o imaginário social. In: GUEDES, G.; VARGAS, A.; BARROS, J.; ARAGÃO, S. *Desenvolvimento infantil*. Lisboa: Sociedade Internacional para Estudos da Criança, 2002, p. 105-114. Anual.

DARRAUT-HARRIS, I.; GRUBITS, S.. *Psicossemiótica na construção da identidade infantil: um estudo da produção artística de crianças Guarani/Kaiowá*. São Paulo: Casa do Psicólogo; Campo Grande: Universidade Católica dom Bosco, 2001.

GRUBITS, S. e DARRAUT-HARRIS, I. *Identité et représentation: Créations plastiques des Guarani et des Kadiwéu du Brésil*. Limoges: Lamber-Lucas, 2009.

GUEDES, Maria G. S. O jogo e a criança. In: GUEDES, G.; VARGAS, A.; BARROS, J.; ARAGÃO, S. *Desenvolvimento infantil*. Lisboa: Sociedade Internacional para Estudos da Criança, 2002, p. 37-65. Anual.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

LINO, Adriana R. S. *A influência das relações familiares no ajustamento escolar da criança Kaiowá*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2006.

MELIÁ, B. *Educação indígena e alfabetização*. São Paulo: Loyola, 1979.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally W. *Desenvolvimento humano*. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SILVA, Aracy Lopes; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela (Org.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002.

VELASCO, Cacilda Gonçalves. *Brincar o despertar psicomotor*. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. (1992). *Araweté, O povo de ipixuna*. São Paulo: CEDI.

WINNICOTT, Donald Woods. *A criança e seu mundo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1982.

\_\_\_\_\_. *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

